

HELMUT ORTNER

O CASO
DO
SÉCULO

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

ÍNDICE

Capítulo Um: Os disparos de Bridgewater e South Braintree	9
Capítulo Dois: Partida para a Terra Prometida	31
Capítulo Três: À caça de vermelhos e radicais.....	51
Capítulo Quatro: A armadilha fecha-se de rompante	77
Capítulo Cinco: «Pelo menos doze anos...»	95
Capítulo Seis: Rotulados como inimigos públicos	117
Capítulo Sete: Na jaula de Dedham	129
Capítulo Oito: A decisão sagrada	151
Capítulo Nove: A conspiração jurídica	181
Capítulo Dez: Entre a esperança e o desespero	193
Capítulo Onze: A confissão	205
Capítulo Doze: «Estão a condenar à morte dois inocentes!»	217
Capítulo Treze: Liberdade ou morte	223
Capítulo Catorze: A última tentativa de salvação	233
Capítulo Quinze: O fim da tragédia.....	243
Epílogo.....	259
Fontes e indicações literárias	261

Capítulo Um

OS DISPAROS DE BRIDGEWATER E SOUTH BRAINTREE

Aquele inverno estava a ser particularmente duro em Nova Iorque. A neve caída ultrapassava já a de anos anteriores. Na manhã fria e húmida do dia 24 de dezembro de 1919, o pagador Alfred Cox ia, com mais de trinta mil dólares em salários, da Bridgewater Trust Company para a sua empresa, a L. Q. White Shoe Company, em Bridgewater, no estado federal do Massachusetts. Cox ia sentado de costas para o seu motorista, Earl Graves, sobre uma grande caixa metálica galvanizada, onde se encontrava o dinheiro. Ao lado de Graves, que, devido ao gelo existente na estrada, conduzia com muito cuidado o pesado veículo Ford de tejadilho de lona fechado e grandes pneus, ia sentado o guarda Benjamin Bowles.

O relógio assinalava as oito menos vinte quando Graves virou a esquina da rua Summer para continuar depois pela rua Broad. Uma vez que, ao centro, passavam as linhas do elétrico, Graves reduziu a velocidade para quase vinte quilómetros por hora, pois sabia o quanto elas podiam ser escorregadias se estivessem congeladas. Quando a viatura já se encontrava a não mais de cem metros de um elétrico que seguia na mesma direção, Graves apercebeu-se de que, na esquina da rua Hale, um carro travava bruscamente. Três homens saltaram do seu interior e dirigiram-se ao veículo de transporte. Deu-se conta em segundos de que algo não estava bem. O primeiro dos três homens não estava encapuzado, tinha um bigode negro e usava um

sobretudo da mesma cor. Graves viu que este trazia uma espingarda. Os outros portavam armas de fogo pequenas. Subitamente, o homem de bigode abriu fogo e acertou em cheio no para-brisas do veículo.

«Um assalto!», gritou Graves. Não sabia se havia de acelerar ou travar; nesse instante, os outros dois homens começaram também a disparar. As balas chocaram estrepitosamente contra a carroçaria metálica do veículo. Bowles e Cox responderam ao fogo com dois disparos, enquanto Graves, a fim de alcançar o outro lado da rua, acelerava fortemente e conduzia sobre as linhas do elétrico. Como estas estavam congeladas, tal como o piso, ele perdeu o controlo do veículo. Não ajudou em nada que Bowles tivesse agarrado o volante; o camião prosseguiu na sua louca corrida e colidiu contra um poste telegráfico. O metal produziu um grande ruído, os vidros partiram-se em mil pedaços e começou a sair um fumo negro do motor.

Pouco depois do choque, os três delinquentes correram para o seu carro. Um quarto homem, de grande estatura, estivera à espera deles durante toda a ação, com o motor em funcionamento. Precipitadamente, abriram as portas e subiram para a viatura, que acelerou pela rua Hale fazendo chiar os pneus.

O camião destruído fora já rodeado por uma grande quantidade de passantes. Gesticulando, contavam o que tinham ou julgavam ter visto. Bowles, Graves e Cox tinham ainda o susto metido nos ossos. Com os rostos pálidos, agradeciam a Deus por não terem sido alcançados ou feridos. A caixa com os pagamentos também não sofrera qualquer dano.

Nesse mesmo dia, a empresa L. Q. White Shoe Company entregou à agência de detetives Pinkerton as investigações do caso. Um agente dessa firma interrogou os três envolvidos, bem como algumas testemunhas do assalto. As suas primeiras investigações revelaram-se escassas e contraditórias. Porém, o agente já estava habituado a isso. O depoimento das testemunhas de um delito costuma ser incerto. Esse tipo de situações acontece demasiado depressa, cada uma das pessoas apenas se apercebe de uma parte do sucedido e muitas veem frequentemente apenas aquilo que querem ver e não o que realmente se passa.

Assim, Frank Harding, um vendedor de peças para automóveis, afirmou que, no momento do tiroteio, julgou inicialmente tratar-se

da rodagem de um filme. Quando chegou à rua Hale, os assaltantes iam a correr para o seu veículo. Talvez se tratasse de um *budson*, mas, fosse como fosse, era um carro preto, lembrava-se disso, bem como da sua matrícula: 01773C.

Outra testemunha, um jovem médico chamado John Murphy, disse que tinha acabado de se vestir quando ouviu os tiros. Abriu imediatamente a janela e viu uma viatura a acelerar apressadamente. Era efetivamente um carro preto. «Ao fim e ao cabo, a cor do carro coincide com o que foi declarado por Harding», pensou o agente da Pinkerton. Porém, o doutor Murphy afirmou também, como consta dos apontamentos por ele ditados ao detetive, que se dirigiu, da sua casa na rua Broad, ao local do acidente onde o camião se tinha despidado. Aí, encontrou um cartucho, que recolheu e guardou. «Tem o invólucro consigo?», perguntou o detetive, um pouco impaciente. O médico levou a mão ao bolso do casaco e entregou-lho.

Outras testemunhas não foram tão produtivas para o detetive, os seus depoimentos eram vagos, superficiais e contraditórios. Três delas disseram que o homem da espingarda tinha um sobretudo vestido, mas houve outra que as desmentiu. Algumas afirmaram que ele ia de cabeça destapada, o que foi contraditado por uma mulher: «Trazia um chapéu de feltro negro.» Apesar das numerosas contradições, a agência Pinkerton pôde formar uma imagem inicial do caso; quatro homens, carro preto, e o bandido da espingarda era um indivíduo moreno de bigode recortado, estatura mediana e aproximadamente quarenta anos de idade.

Nessa época, era habitual classificar as pessoas pela sua origem étnica, razão pela qual se pensou imediatamente em estrangeiros: gregos, polacos, russos ou italianos... Um detetive da agência Pinkerton falou com Michael E. Stewart, chefe da polícia de Bridgewater. O assalto fora para ele um acontecimento excepcional.

Stewart era chefe da polícia da cidade desde 1915 e nunca passara por algo similar. Para dizer a verdade, sabia que, na zona industrial de Boston, havia constantemente assaltos e roubos a estabelecimentos comerciais e a bancos, e, como tal, não o espantava que a imprensa escrevesse sobre «uma vaga de delinquência». Nos artigos, era constantemente criticada a incapacidade de agir da polícia. No dia 17 de novembro, em Randolph, cidade vizinha de Bridgewater, fora

assaltada pela primeira vez uma caixa económica. Quatro assaltantes tinham conseguido um saque de 35 000 dólares, desaparecendo em seguida sem serem reconhecidos. Mas isso fora em Randolph e não em Bridgewater. Stewart considerava que o facto de em Bridgewater o mundo ainda estar em ordem era um sucesso pessoal seu. Isso fazia-o sentir-se orgulhoso. Porém, para ele, que tinha dois agentes da polícia, um homem que patrulhava durante o dia e outro que fazia o turno da noite, o assalto ao transporte de dinheiro era uma situação demasiado grande. Inquietava-o. Tocava o seu orgulho de polícia ter de trabalhar juntamente com os detetives da agência Pinkerton. Stewart, um homem grande e robusto de quarenta e muitos anos, via também um desafio nessa situação. Agora, podia provar que estava destinado a cumprir tarefas maiores do que as de um polícia de província. O detetive deu-lhe a entender que tinha chegado a Bridgewater uma grande quantidade de «vermelhos e bolcheviques» e que o assalto podia ter sido obra de um bando russo vindo de fora da cidade.

Stewart não sabia realmente de onde provinha a palavra «bolchevique», mas usava-a como insulto para se referir aos que considerava gente do submundo. E assim faziam também todos em Bridgewater. «Bolcheviques» eram os estrangeiros, os anarquistas, os comunistas e, algumas vezes, os sindicalistas. Resumidamente, um bolchevique era a imagem oposta de um norte-americano. Stewart, descendente de uma família irlandesa radicada no país há duas gerações, sentia-se superior a esses imigrantes. Ele e a sua família não tinham nada em comum com essa gente. «Sou dos Estados Unidos, sou americano», dizia frequentemente. E, como irlandês, sentia-se não só um pioneiro nesse grande país, que se convertera no seu lar, mas também um tipo muito especial de norte-americano.

O inspetor Albert Brouillard, da polícia estadual, enviado como reforço a Bridgewater para ajudar Stewart no esclarecimento do crime, tinha outra opinião. Entendia que o assalto estava relacionado com o facto de, após a polícia ter acabado com a sua greve, muitos delinquentes terem abandonado Boston e permanecido nas localidades próximas da cidade, procurando agora, segundo ele, novos terrenos para os seus delitos.

O detetive da Pinkerton não dava muito crédito a essas especulações. No seu ofício, só os factos contavam e não as fantasias. Para

obterem um par de pistas concretas, tentaram, através da recompensa de mil dólares que a empresa L. Q. White Shoe oferecia, conquistar alguns dos contactos que tinham no submundo. No dia 30 de dezembro, um detetive anotou o seguinte:

«Hoje, chamada telefónica de um informador, encontro-me mais tarde com ele para cear. No decorrer da conversa, comunica-me que lhe tinha sido contado por um conhecido seu italiano que os homens que haviam participado no assalto de Bridgewater se teriam escondido num telheiro nos arredores da cidade. Aí, teriam deixado o carro, algumas roupas de trabalho e outras peças de vestuário. Acrescentou que os homens seriam italianos.»

Os agentes da Pinkerton foram imediatamente apalpar terreno no bairro italiano. Demoraram alguns dias até que a morada do loquaz informador fosse detetada. A casa de três andares, feita em tijolo, ficava na periferia, em Brighton. No dia 3 de janeiro de 1920, Stewart, chefe da polícia, Brouillard, polícia estadual, e Hellyer, detetive da Pinkerton, foram-no procurar. A verificação não foi desprovida de problemas. Tiveram de bater a inúmeras portas para que uma delas finalmente se abrisse. Aí, souberam que o homem que procuravam tinha saído de manhã para Alston e estava para chegar. Decidiram então esperar pelo seu regresso. No último patamar da escadaria, puseram-se a matar o tempo.

Aquele era um lugar muito pobre, onde habitavam sobretudo estrangeiros, seres que haviam chegado ao país com grandes esperanças, mas que acabaram por verificar que aquela sociedade só lhes permitia alcançar uma vida simples. Eram polacos, russos, gregos, arménios e italianos.

Um cheiro a podre flutuava no ambiente. As casas estavam húmidas e o reboco das paredes descascado. «O cheiro da pobreza», pensou Stewart. E olhou pela janela da escadaria para o pátio. Nesse momento, tornou-se evidente para ele que o assalto fora obra daquela gente. «Talvez tenham sido russos que, avisados por um espião na fábrica, souberam do transporte de dinheiro», disse a Brouillard. Este, aborrecido, moveu a cabeça como que a concordar com o que diziam. «Talvez tenham sido italianos, quase todos costumam usar o bigode recortado e o homem da espingarda também o tinha assim. Agora sim, tudo está claro», pensou Stewart.

Calou-se subitamente ao ouvir os passos lentos e seguros de alguém que começava a subir as escadas. Tinham esperado mais de quatro horas e chegava finalmente o homem de quem tinham estado à espera. Vestia-se de forma muito singular, sobretudo de preto, com um chapéu de feltro de aba larga. O seu nome era Carmine Barasso, mas fazia-se tratar por C. A. Barr, pois soava mais americano. Não queria que os funcionários públicos soubessem através do seu nome que estavam a lidar com um imigrante. Há muito que Carmine Barasso compreendera que, naquele país, o falso orgulho só lhe traria desvantagens. Por isso, mudara de nome.

Os três homens abordaram-no para falar sobre Bridgewater, e Barr mostrou-se disposto a contar o que sabia. Mais tarde, o detetive da Pinkerton, Henry Halley, viria a informar que, quando tinham estado na casa de Barr, este lhes havia contado uma história estranhíssima sobre uma máquina por ele inventada, capaz de descobrir o autor de um crime independentemente do lugar onde este tivesse sido cometido. Concordaram que se tratava de um louco, de um presumido que gostava de se fazer passar por importante e que não podia ser levado a sério.

Stewart, aborrecido e dececionado, dirigiu-se nessa tarde a casa pela estrada, na qual se haviam formado montículos de neve de ambos os lados. As diligências tinham-se revelado infrutíferas. Quem teriam sido os autores do roubo? Só tinha a certeza de uma coisa, de que se trataria certamente de estrangeiros. Quanto à nacionalidade, havia opiniões diferentes, mas, quanto a serem estrangeiros, estavam todos de acordo. A suspeita de que tinham sido anarquistas era algo que só ele partilhava. «Esses doídivanas têm os seus seguidores, sobretudo entre os italianos...», pensou Stewart. Mas se o assalto tivesse realmente sido realizado pelos anarquistas era um triste sinal para Bridgewater. «É o início do fim», disse para consigo.

Semanas após o assalto, tiveram de reconhecer, com o orgulho ferido, que nada tinham conseguido no caso da White Shoe Company. A agência de detetives Pinkerton retirou os seus agentes do caso e o polícia estadual Brouillard regressou a casa. No seu escritório, uma divisão interior do edifício municipal de Bridgewater, Stewart arquivou o caso, para regressar ao seu trabalho habitual.

Passado pouco tempo, ocorreu em South Braintree, Massachusetts, um novo assalto. Isto fez com que Stewart se lembrasse novamente

do tiroteio de dezembro que ficara por esclarecer. Numa quinta-feira, dia 15 de abril de 1920, chegaram, como sempre, no comboio da manhã, os salários da empresa Slater & Morrill Shoe Company. As vias ferroviárias da New Haven Railroad e da estação de South Braintree passavam entre os dois edifícios da fábrica, a cerca de trezentos metros um do outro. Eram nove e meia da manhã quando Shelley Neal, um agente da American Express Company, recolheu uma caixa de metal para levar para a chamada «fábrica de cima», no edifício I, onde se encontrava o gabinete de pagamentos da empresa Slater & Morrill. A contabilista Margaret Mahoney começou imediatamente a introduzir nas bolsas o dinheiro destinado aos salários da «fábrica de baixo».

Eram quase três da tarde quando acabou de selar as aproximadamente quinhentas bolsas com salários, que somavam um total de 15 773 dólares e 59 centavos. Em seguida, depositou-as em duas caixas de madeira, que introduziu depois nas caixas metálicas. Quando ia fechar a cadeado as ditas caixas metálicas, entrou no gabinete o pagador da fábrica, o senhor Parmenter, com o seu guarda, Berardelli.

Frederick Parmenter, um homem em meados dos quarenta, de cabeça redonda e bigode curto, era muito estimado pelo pessoal da fábrica. Não só por ser o portador, no dia do pagamento, da lista de salários arduamente ganhos, mas também por se tratar de um homem alegre, que propagava um bom estado de espírito. Por isso, Margaret Mahoney e as outras mulheres alegravam-se com a visita semanal que ele lhes fazia. Parmenter era um brincalhão e tinha sempre um gracejo nos lábios.

Nessa quinta-feira, usava, como sempre, um chapéu de feltro castanho, que era motivo de gracejos por parte da contabilista. Como o sabia, não costumava levá-lo posto quando entrava no gabinete. Às 15 horas, Parmenter pegou numa das caixas metálicas; a outra, tomou-a Alessandro Berardelli, o seu guarda, um italiano reservado, de aspeto tímido, que raramente trocava uma palavra com quem quer que fosse. Em seguida, saíram ambos do gabinete de pagamentos.

Costumavam viajar de carro pelo caminho mais curto até à «fábrica de baixo», mas nessa quinta-feira foram a pé. Parmenter ia sem casaco e seguia Berardelli, que caminhava alguns passos à sua frente; iam ambos desarmados. Do seu posto de trabalho no terceiro piso da empresa Slater & Morrill, o cortador Mark Carrigan viu como o

pagador e o seu guarda se aproximavam do sinal de precaução que estava diante da passagem de nível. Ao aproximar-se da janela para a abrir mais, devido ao calor que estava nesse dia, deu-se conta de que ambos estavam a parar para falar com um homem após terem atravessado a passagem de nível. Passados poucos segundos, seguiram o seu caminho.

Também as janelas do primeiro andar estavam abertas; duas costureiras especializadas em couros, Minnie Kennedy e Louise Hayes, podiam ver a rua a partir dos seus postos de trabalho. Chamou-lhes a atenção um carro que estacionou à beira da rua, a mais ou menos dez metros do edifício da fábrica. Um homem pôs-se a inspecionar o motor com uma ferramenta na mão, primeiro de um lado do capô e depois do outro. Em seguida, parou diante da viatura, pôs um pé no para-choques e acendeu um cigarro. Passado algum tempo, as reparigas viram o homem subir para o carro e conduzir lentamente pela rua Pearl, para depois regressar e parar a cerca de setenta e cinco metros do edifício.

Jimmy Bostock, encarregado da manutenção da maquinaria da fábrica, ia também a passar pela rua Pearl. Tinha pressa, pois queria apanhar o autocarro das 15h14 para Brockton. Pelo caminho, cruzou-se com Parmenter e Berardelli, que cumprimentou. «Bostock», disse Parmenter, «tenho de te dizer que no edifício I há um motor que não funciona bem». Bostock não podia parar: «Hoje não vai ser possível. Quero apanhar o meu autocarro. Amanhã também é dia de trabalho». Depois, seguiu apressadamente o seu caminho.

«Muito bem», respondeu Parmenter, com um gesto de despedida. Iam nesse momento a passar à frente de uma garagem e a «fábrica de baixo» estava já à vista. Quando se encontravam ao lado de um poste de telefone com um alarme de incêndio, Parmenter viu dois desconhecidos encostados a uma cerca. Eram dois tipos de aspeto tenebroso e de baixa estatura. Um deles tinha uma boina, o outro um chapéu de feltro, e ambos estavam com as mãos escondidas nos bolsos.

Parmenter estava a acabar de passar ao lado deles quando os homens tiraram as mãos dos bolsos. Subitamente, o da boina saltou para a frente de Berardelli e deu-lhe um tiro. Parmenter virou-se e conseguiu ver o rosto do tipo. Imediatamente, este apontou-lhe a arma e abriu fogo. Parmenter, ferido no peito, cambaleou pela rua e, aos tropeções,

conseguiu dar um par de passos. O homem disparou novamente, desta vez atingindo-o nas costas. Em seguida, deu um tiro para o ar. A este sinal, o carro que estava estacionado junto à fábrica dirigiu-se a toda a velocidade para eles. Testemunhas declarariam mais tarde que se tratava de um *buick* cinzento-claro.

Berardelli, apesar dos seus graves ferimentos, conseguira levantar-se. Antes que o carro empreendesse a fuga, um terceiro homem saiu do seu interior com uma arma automática e dirigiu-se a Berardelli. À queima-roupa, voltou a alvejá-lo. Os assaltantes puxaram as duas caixas para o banco de trás do carro e subiram rapidamente. No momento em que fugiam a grande velocidade, um dos homens desferiu uma rajada de tiros em direção às janelas superiores da fábrica.

Jimmy Bostock, que, totalmente petrificado, fora testemunha do assalto, teve de saltar para o lado, pois o carro quase o atropelava na sua fuga. O automóvel chegou ao cruzamento ferroviário da rua Pearl quando o guarda-barreira, Michael Levangie, estava a baixar as barreiras, pois havia um comboio a aproximar-se. Levangie viu como os assaltantes lhe apontavam as armas. «Levanta as barreiras», gritou-lhe um deles, alterado. «Levanta-as ou mandamos-te desta para melhor!» Ele fê-lo o mais rapidamente que pôde e foi a correr procurar proteção no interior da guarita. Os assaltantes dispararam contra ela e saíram a toda a velocidade, atravessando a linha mesmo antes de o comboio passar. Durante a fuga, um dos assaltantes apontou a pistola pela janela de trás, que não tinha vidro, para se proteger de possíveis perseguidores. Houve muitos tiros para o ar, de ambos os lados da rua Pearl, a fim de assustar as possíveis testemunhas. Para o chão, atiraram pioneses com cabeça de borracha, para rebentar os pneus dos automóveis que os perseguissem.

Ray Gould, um vendedor ambulante que ia a caminho da fábrica para vender aos trabalhadores uma pasta que inventara e com a qual era possível devolver o fio perdido às lâminas de barbear, estava do outro lado das barreiras quando uma das balas dos assaltantes lhe trespassou a bainha do sobretudo. Gould ficou paralisado de medo e a sua fronte cobriu-se de gotas de suor. Ainda assim, tentou fixar-se no rosto de um dos assaltantes quando, na fuga, estes passaram ao seu lado. Posteriormente, recordaria outros pormenores: um dos homens tinha pouco cabelo, era louro e vestia um fato azul...

Jim McGlone, um trabalhador da construção civil que se encontrava perto do local dos acontecimentos a escavar uma fossa, correu para o local onde Parmenter jazia. «Agarrei-o pelos ombros e perguntei-lhe se estava ferido. Mas não me respondeu. Deitei-o novamente no chão. Depois, fui buscar uma manta e pus-lha debaixo da cabeça», declarou dois dias mais tarde.

Também Jimmy Bostock correu para o local depois de o carro dos assaltantes ter desaparecido de vista. Foi ter com Berardelli. «Tinha os lábios abertos e, a cada respiração, a boca enchia-se de sangue», disse mais tarde. Fez tudo o que podia por ele, mas, passado pouco tempo, Berardelli deixou de respirar. Espalhados pela rua, Bostock encontrou quatro cartuchos, que guardou no bolso das calças.

Entretanto, chegara muita gente ao local, gesticulando nervosamente e rodeando os feridos. As janelas da fábrica vizinha estavam repletas de empregados. Ainda que ninguém soubesse ao certo o que tinha acontecido, era evidente para todos que se tratara de um tiroteio. Pouco a pouco, foram sabendo que Parmenter e Berardelli tinham sido assaltados e que os salários tinham sido roubados.

Fred Loring, que, juntamente com outros, tinha vindo da «fábrica de cima», reparou em algo que aqueles não tinham visto: uma boina que se encontrava não muito longe do cadáver ensanguentado de Berardelli. Pegou nela e guardou-a. Parmenter, que ainda mostrava sinais de vida, foi levado para o edifício Colbert por McGlone e por outros. Todos viram que ele estava num estado muito delicado, pois perdera muito sangue.

Entretanto, chegou o chefe da polícia, Jeremiah Gallivan, que abria caminho por entre os curiosos. As gentes em seu redor empurravam-se e apertavam-se umas às outras, todas a gritar desordenadamente onde fora o tiroteio e que caminho tinham seguido os assaltantes na fuga. Gallivan deparou-se com o chefe dos bombeiros, Fred Tenney, que lhe disse tratar-se de um carro verde. «Talvez ainda os possamos apanhar, não podem estar muito longe», opinou Tenney. Agitadamente, subiram para o pequeno veículo vermelho do bombeiro e, acompanhados pelo som das campainhas de alarme, deram início à perseguição.

Saíram a toda a velocidade, por pura intuição, em direção a sul, até chegarem a duas milhas da cidade de Holbrook. Aí, questionaram um soldado que se encontrava num cruzamento entre ruas. «Sim, há

dez minutos, passou por aqui um carro verde», disse ele. «Viraram para a rua que dá para Abington», e apontou para a esquerda. «Para Abington!», ordenou Gallivan, e Tenney conduziu o automóvel nessa direção, para leste. Entretanto, o polícia sacara da sua pistola e abriu o vidro do carro. A grande velocidade, dirigiram-se à pequena cidade. Aí, confundidos logo na primeira rua, rapidamente perderam o sentido de orientação; dirigiram-se ao outro extremo da cidade, deambularam de um lado para o outro, mas sabiam que a caçada terminara, que os delinquentes tinham escapado. Uma hora depois, regressaram a South Braintree, desiludidos.

Não tinham passado mais de duas horas desde o assalto quando a realidade do ocorrido começou a desvanecer-se, as fantasias e especulações apoderaram-se de todos. Tal como acontecera meses antes em Bridgewater, o que havia sido visto pelas testemunhas, por quem tinha vivido cada passo do assalto, era diferente e contraditório. Como sempre, não estavam de acordo quanto a quem e àquilo que tinham visto. O carro era cinzento-claro, disse a rapariga da Slater & Morrill; era verde, opinou o bombeiro Tenney. Outros disseram ter visto um carro preto. Ou teria sido um veículo pintado de duas cores? Não, outra testemunha disse que os bandidos tinham fugido em dois carros. Os indivíduos que dispararam foram descritos como sendo de tez morena e depois como pálidos e louros. Primeiro, os fatos que traziam vestidos eram azuis; depois, castanhos ou cinza. Tinham gorros, chapéus ou simplesmente não cobriam a cabeça. Cada um trazia uma arma; não, só um deles. Ou eram dois? Tinham sido três, quatro ou cinco homens? A situação fora tão pouco clara, disse outra testemunha, que podiam ter sido mais de cinco.

Pelo menos nalguns pontos houve concordância. O assalto fora realizado em pleno dia, planeado e executado até ao mais ínfimo pormenor. Os especialistas estavam de acordo em relação à ideia de que eram profissionais que estavam por trás daquilo. A determinação dos assaltantes em matar Berardelli a qualquer preço deu origem a uma série de especulações; como, por exemplo, que ele os conhecia ou que era seu cúmplice. Quando o carro, descrito cada vez com mais frequência pelas testemunhas como um *buick*, partiu, iam aparentemente cinco homens sentados lá dentro, dois à frente e três atrás. Muitas testemunhas oculares concordaram com o facto de que

o indivíduo ao volante teria sido um homem jovem e pálido, de cabelo louro. Os três que participaram diretamente no assalto foram descritos como italianos de estatura média.

Enquanto, na rua, eram recolhidos os depoimentos das testemunhas, Parmenter jazia semideitado num sofá de um dos escritórios do edifício Colbert. Estava quase inconsciente e mal movia os lábios. «Um era moreno, baixo e gorducho», sussurrou com esforço, «o outro baixo e magro». Em seguida, deixou cair novamente a cabeça na almofada.

Quando o doutor Frazer, o médico da polícia, chegou, ordenou imediatamente que levassem Parmenter para o hospital estadual de Quincy. Aí, foi operado pelo cirurgião Nathaniel Huntig. Embora este tenha conseguido extrair-lhe as balas do corpo, não foi possível salvar a vida de Frederick Parmenter. Uma das balas fatais entrara na cavidade abdominal e destruíra-lhe uma das veias principais. Às cinco da madrugada, catorze horas após ter sido ferido, faleceu.

O cadáver de Berardelli, que também havia sido levado para o edifício Colbert depois do assalto, foi nessa mesma noite submetido a uma autópsia. Foi possível observar quatro ferimentos de bala: o primeiro na parte superior do braço esquerdo, o segundo perto da axila do mesmo braço, o terceiro do lado esquerdo do corpo e o quarto no ombro direito. Segundo os médicos, as três primeiras feridas não tinham sido fatais, mas a quarta bala rasgara o lóbulo pulmonar direito e danificara uma das grandes artérias. As quatro balas encontravam-se ainda no corpo de Berardelli. Posteriormente, foram cuidadosamente extraídas e assinaladas na base com números romanos.

Durante a tarde, ainda havia curiosos em peregrinação até ao local onde tinha ocorrido o assalto. Famílias inteiras passeavam lentamente depois da ceia em direção à rua Pearl, para poderem ver por si mesmas o local dos acontecimentos.

Não só vinha gente de todos os cantos de South Braintree como também das cidades vizinhas de Randolph, Quincy, Holbrook e Weymouth, seduzidos pela notícia do crime. Cochichando, paravam sobre as secas, mas ainda visíveis, manchas de sangue, que, à ténue luz das lâmpadas dos candeeiros de rua, formavam uma visão macabra.

Os cartuchos que Jimmy Bostock tinha encontrado, dera-os duas horas depois a um dos chefes da fábrica Slater & Morrill, que

posteriormente os entregou pessoalmente ao capitão William Proctor. O chefe da polícia do Massachusetts interessou-se pessoalmente pelo caso e viajou para South Braintree apoiado por detetives da agência Pinkerton. Os cartuchos encontrados, dois projéteis de marca Peter, um Remington e outro Winchester, eram pistas materiais de grande valor. Também a boina que havia sido guardada por Fred Loring foi posteriormente entregue aos investigadores. O capitão William Proctor estava sob forte pressão. A opinião pública e a imprensa exigiam à polícia um rápido e certo esclarecimento dos factos. Mas como? De onde havia de tirar as pistas para chegar aos malfeitores?

No dia seguinte, Proctor chamou todos os detetives, o chefe de polícia Gallivan e os seus subalternos para uma reunião no seu gabinete improvisado. «Temos de fazer todos os possíveis para prender rapidamente os delinquentes, trata-se da segurança dos nossos concidadãos e da nação. As pessoas esperam de nós, com toda a razão, que apresentemos bons resultados», disse-lhes duramente e olhando-os nos olhos. Ao proferir estas palavras, não deixou de pensar em Bridgewater. Havia muitas semelhanças entre os dois casos e o primeiro continuava por esclarecer. O facto de também então se ter tratado de um assalto ao transporte de dinheiro destinado aos salários de uma fábrica de sapatos era aquilo que mais chamava a atenção de todos. Assim como também o facto de os assaltantes terem atuado com o mesmo sangue-frio que agora e começado imediatamente a disparar. Por isso, o capitão Proctor declarou um alerta geral. Durante o fim de semana, o chefe da polícia e os seus homens procuraram o carro dos assaltantes pelas ruas, parques públicos e bosques de South Braintree e arredores. Porém, em vão.

O assalto foi notícia de primeira página em todo o estado federal. Falou-se dele em toda a parte, os rumores e suposições sobre a identidade dos autores circulavam por todo o lado. Isto forneceu muitos indícios à polícia, mas estes de nada lhe serviram. Foi repetidamente comentado que Berardelli conhecia o homem que tinha disparado contra ele, bem como o plano dos assaltantes, tendo sido essa a razão pela qual fora assassinado. Outras testemunhas, a quem os detetives da agência Pinkerton tinham mostrado uma série de fotos de delinquentes regulares do arquivo criminal de Boston, tinham reconhecido, «com absoluta certeza», o assaltante de bancos Anthony Palmisano

como um dos autores. Só havia um problema: no momento do assalto, Palmisono encontrava-se preso na prisão de Buffalo.

Em New Bedford, o inspetor da polícia Jacobs lembrou-se de ter visto pouco tempo antes um vadio ao volante de um *buick* novo. Tratava-se de Mike Morelli, que, juntamente com o seu irmão, tinha organizado um bando de criminosos, o chamado «bando Morelli». Desde o dia do assalto, Jacobs não voltara a ver o *buick* em South Braintree, mas sim outro com o mesmo número de matrícula. Frank, outro dos irmãos de Morelli, explicou a Jacob que, uma vez que o seu irmão era vendedor de carros, teria simplesmente trocado as placas. A suspeita de que os irmãos Morelli teriam tido algo que ver com o assalto ficou sepultada quando, em New Bedford, um homem se apresentou diante do capitão Proctor e lhe contou uma história que orientou as investigações numa nova direção. Era E. Stewart, chefe da polícia de Bridgewater.

No dia 16 de abril, o dia do assalto, Stewart foi consultado por um funcionário dos serviços de emigração para indagar sobre os antecedentes de um italiano partidário do anarquismo de nome Ferruccio Coacci, que, por distribuir propaganda anarquista, devia ser expulso do país. Coacci, juntamente com outros cinco indivíduos, apelava ao derrube do Governo dos Estados Unidos. Ao abrigo da lei da deportação, que entrara em vigor em 1918, notificaram-nos da deportação e puseram-nos em liberdade condicional após o pagamento de uma fiança. Coacci, que algumas vezes se fazia chamar Ercole Parrecca, trabalhara durante muito tempo na fábrica de calçado L. Q. White. Quando foi detido, um dos seus amigos, Joseph Ventola, pagou a fiança de cem dólares que lhe era exigida. As autoridades governamentais sabiam que Ventola tinha contacto com grupos anarquistas.

Coacci foi libertado na condição de que pagaria o sustento dos dois filhos que tivera com a sua mulher, Ersilia, com quem vivia esporadicamente. Enquanto aguardava a decisão dos serviços de emigração sobre a sua expulsão do país, trabalhava na fábrica de calçado Slater & Morrill. A ordem de se apresentar no dia 15 de abril perante os funcionários dos serviços de emigração foi ignorada por Coacci, com o pretexto de que a sua mulher tinha adoecido. Nesse dia, Stewart não estava em condições de seguir pessoalmente a pista de Coacci, pois tinha de ensaiar durante a tarde com o grupo de teatro que

frequentava. Assim, enviou um dos seus subalternos a casa de Coacci, a quem encontrou de malas feitas, como que para partir apressadamente em viagem. À noite, Stewart foi informado telefonicamente pelo seu colega de trabalho de que a mulher de Coacci estava de boa saúde e de que o italiano quisera apenas ganhar algum tempo. Após ouvir isto, Stewart não conseguiu dormir, passou a noite inteira a cismar...

Coacci vivia com a mulher e com um jovem conterrâneo chamado Mike Boda, numa casa muito descuidada na esquina das ruas Lincoln e South Elm, um terreno baldio na zona oeste de Bridgewater. Até àquele momento, esses estrangeiros não tinham revelado nada de estranho, como bem sabia Stewart. Ninguém podia dizer do que vivia realmente esse Boda, um jovem bem-parecido, de cuidado bigode, nariz aquilino e olhos castanhos encovados. Alguns dos que o conheciam suspeitavam de que estivesse envolvido no comércio ilegal de álcool. Quando era questionado acerca disso, respondia que era representante de uma empresa de frutas de Nova Iorque. Efetivamente, Boda trabalhara, juntamente com o irmão, durante muito tempo como *bootlegger*, destilando álcool perto de Needham. Porém, essa atividade fora realizada por muitos homens durante o período da Lei Seca nos Estados Unidos, altura em que a venda e a produção de álcool eram castigadas. Também se lhe conhecia outro pormenor. Era anarquista. Quando tinha tempo, distribuía folhetos e jornais anarquistas pela colónia italiana. Também isso era do conhecimento de Stewart, que desconfiava de qualquer tipo de atividade política e a mantinha sob observação, ainda que não interviesse, desde que não abusassem.

Stewart, sentado à sua secretária, pensava apenas no caso. Se Coacci não se apresentara no dia 15 de abril, como devia ter feito, tinha de ter um bom motivo para isso. Será que não se tinha apresentado por ter estado envolvido no assalto de South Braintree?... Por outro lado, Barr, o lunático, afirmara que fora um grupo anarquista que vivia nos arredores de Bridgewater que tinha executado o assalto nessa cidade. Falara num telheiro abandonado. Stewart chegou à conclusão de que Coacci poderia ser o nexos...

Dois dias depois do assalto, na tarde do dia 17 de abril, Charles Fuller, gerente da revista *Enterprise*, fechou o seu escritório, situado não muito longe do de Stewart. Como todos os sábados, dirigiu-se a pé à praça do mercado para se encontrar com o seu amigo Max Winter,

pois ambos tinham ali os seus cavalos num estábulo. Também nesse dia saíram a cavalo pela porta traseira em direção a West Bridgewater. O caminho levava-os através de um pequeno bosque, com uma grande quantidade de arbustos. Fuller, que precedia Winter, viu subitamente entre os arbustos um carro parado. Desmontaram e puxaram os ramos para o lado, para verem melhor. «Um *buick* com a janela de trás partida», disse Fuller. «Temos de o ver mais de perto.» Quando espreitaram para dentro do carro, deram-se conta de que havia um par de moedas no banco da frente; atrás, estava um sobretudo castanho coberto de pedaços de vidro. Antes de voltarem a montar, viram que os números da matrícula tinham sido retirados. «Charles», disse Max Winter, «este carro é parecido com o automóvel que, segundo os jornais, foi utilizado no assalto». Fuller assentiu com a cabeça. «Vamos informar a polícia.»

Passados vinte minutos, o comissário Ryan e o agente da polícia William Hill, do destacamento de West Bridgewater, estavam no local. Em conjunto, os quatro homens examinaram o carro por dentro e por fora. Além das moedas e do sobretudo, encontraram na porta de trás a marca de uma bala. Fuller, que tinha experiência na condução de *buicks*, levou o carro até à esquadra de Brockton. Aí, no dia seguinte, foi feita uma nova revisão à viatura. Entretanto, os colegas da secção de Bridgewater tinham já sido notificados do facto. Stewart e o agente da polícia estadual Brouillard chegaram ao local para participar nas inspeções. Juntos, descobriram que faltava o pneu sobresselente e que o número de fabrico tinha sido adulterado, ainda que o do motor ainda fosse legível: 560 490.

Era, como rapidamente se pôde verificar, o número de motor de um carro que estava em nome de Daniel H. Murphy, de Dedham, e que havia sido roubado no dia 23 de novembro. Inicialmente, o dono pusera-se a procurar o carro sozinho, mas mais tarde fora comunicar o roubo à polícia. Nesse dia, no dia 23 de novembro, o polícia Warry Totty estava parado sob o arco de luz do edifício Memorial Hall, em Dedham, e viu passar um carro a toda a velocidade junto à praça. O número da matrícula coincidia com o anotado pela testemunha Harding durante o assalto ocorrido em Bridgewater.

Para Stewart, tudo ficou claro: era o carro utilizado em ambos os delitos. Mas algo não lhe saía da cabeça: o *buick* tinha sido encontrado

num lugar que não ficava a mais de duas milhas da rua Elm, onde viviam os italianos Coacci e Boda. «Quem fez isto não acredita em Deus», disse Stewart com grande convicção. Os demais assentiram sem dizer nada. Todos sabiam em que é que ele estava a pensar, pois pensavam o mesmo.

Na terça-feira à tarde, Stewart e Brouillard dirigiram-se novamente à casa derruída de Coacci e Boda. Esperavam encontrar aí algumas pistas. Após Stewart ter batido à porta várias vezes, Boda abriu. Identificaram-se como agentes da polícia de estrangeiros e perguntaram por Coacci. «Mas se ele já saiu do país há tanto tempo...», respondeu Boda, surpreso. «Vai a bordo do barco que o leva rumo a Itália. A vossa administração expulsou-o.»

Por um momento, Stewart e Brouillard ficaram sem palavras. A pretexto de procurarem uma fotografia de Coacci, que não tinha sido enviada à polícia, revistaram toda a casa. Boda seguiu-os, desconfiado, por todas as divisões. «Coacci tinha alguma arma de fogo?», perguntou finalmente Stewart. «Sim, mantinha-a sempre guardada na gaveta da cozinha», respondeu Boda. Stewart dirigiu-se à cozinha e abriu a gaveta. A arma não se encontrava no seu interior; ele apenas encontrou as instruções de utilização de uma arma automática de marca Savage.

Brouillard perguntou a Boda se também ele possuía uma arma; sem hesitar, este tirou da sua escrivaninha uma arma automática espanhola. «A licença de porte de arma?», perguntou Stewart. Boda abanou a cabeça. Em seguida, começou a justificar-se: «Sim, é verdade, não tenho licença de porte de arma. Mas quem a tem? Nunca a trago comigo fora das minhas quatro paredes, mas sinto-me seguro aqui com ela...»

Stewart devolveu-lhe a arma e perguntou-lhe se Coacci recebia frequentemente a visita de homens e onde vivia agora a sua família. Boda respondeu que um amigo, Joseph Ventola, os tinha levado num camião para South Braintree; para onde ao certo, não sabia. Stewart fitou-o com ceticismo e pensou: «Nos anarquistas, não se pode acreditar de maneira nenhuma...»

Os três homens saíram da casa e, quando se encontravam debaixo do beiral, Stewart avistou um telheiro a poucos metros da casa. «Podemos dar uma olhadela ali dentro?», perguntou a Boda. Este dirigiu-se para

lá e abriu a porta de madeira. «Normalmente, guardo aqui o meu *overland*, mas neste momento está na garagem do Johnson», explicou, enquanto abria a porta, para que entrasse mais luz no telheiro. «Ainda ontem o levámos à garagem, precisava de algumas reparações...»

Stewart e Brouillard examinaram exaustivamente o telheiro. O primeiro julgou reconhecer marcas de pneus, demasiado grandes para um *overland*, mas adequadas a um *buick*. Em seguida, os polícias saíram do telheiro e Stewart agradeceu a Boda, não sem antes lhe dizer que talvez tivessem de lá voltar.

Na viagem de regresso a Bridgewater, Stewart ia de mau humor. «Não confio naquele tipo, talvez devêssemos tê-lo prendido.» «Que temos em mãos contra o Boda?», respondeu Brouillard, com um movimento de cabeça desaprovador. «Bem, não tem licença de porte de arma, mas não o podemos acusar disso. Cairíamos no ridículo.» Stewart não esboçou nem um gesto e continuou a conduzir o carro; também ele sabia que, perante tais delitos, qualquer juiz levaria em conta o sentimento popular e agiria de forma muito liberal. Por último, desde sempre que, nos Estados Unidos, os homens eram portadores de armas de fogo. Porém, eram estrangeiros e até mesmo anarquistas, pensou; tinha de encontrar uma solução para isso...

Na manhã seguinte, Stewart regressou à casa de Boda para falar com ele. Talvez julgasse que cairia em contradições, uma vez que o rapaz estava disposto a falar e quem muito fala pode também cometer algum erro...

Apesar de ter batido repetidamente à porta, ninguém a abriu. Muito incomodado, Stewart dirigiu-se à garagem de Simon Johnson para ver se ainda lá estava o *overland* de Boda. Quando avistou o dono da garagem, perguntou-lhe pelo veículo. «Sim, o carro está aqui», respondeu Johnson. «A reparação vai demorar mais algum tempo, pois temos muito que fazer.»

Stewart estava furioso. Nem um sinal de Boda, e a informação sobre o *overland* estava correta. Aquele rapaz conhecia o seu ofício... Subitamente, veio-lhe à cabeça uma ideia. «Johnson», disse-lhe num tom tranquilo, «há alguns problemas com o carro. É possível que o *overland* esteja envolvido numa história obscura».

Johnson ficou algo inseguro face ao que ouviu. «Que tipo de história? O pequeno Boda não se portou bem?»

Stewart foi mais claro: «Ouve, Johnson, não te posso contar nada, porque as investigações ainda estão em curso. Mas seria uma grande ajuda para nós se nos ligasses quando alguém, não importa quem, vier recolher o *overland*». Johnson concordou e Stewart regressou a Bridgewater, satisfeito com a sua ideia. «Talvez agora se possa fechar a armadilha...», pensava.

Passou uma semana, até que Boda ligou a Simon Johnson para se informar sobre o *overland*. «Sim, podes vir buscar o carro, está em ordem», respondeu laconicamente Johnson.

Porém, Boda levou o seu tempo. Após a chamada, voltou a contactar Johnson no dia 5 de maio. Era de noite, pouco passava das nove. Simon e a sua mulher estavam a preparar-se para ir dormir quando lhes bateram fortemente à porta. Quando a senhora Johnson ia a descer as escadas, ouviu uma voz que chamava: «Sou eu, Mike Boda. Quero ir buscar o meu carro!» Simon Johnson, que estava sentado à beira da cama, ouviu também o chamado. Ao ouvido, deu a entender à mulher que teria de sair, sob algum pretexto, e ir a casa de um vizinho para avisar o chefe de polícia Stewart do que estava a acontecer.

Quando a senhora Johnson abriu a porta da casa, as luzes de uma motocicleta ofuscaram-na. Ainda assim, conseguiu reconhecer um homem com um chapéu que lhe cobria o rosto e que, montado em cima do veículo, esperava por Boda. Atrás da vedação, conseguiu avistar muito tenuemente outros dois homens. «O meu marido já vai descer para abrir a garagem», disse a Boda, que se encontrava a poucos metros dela. Em seguida, dirigiu-se através do pátio à casa de um vizinho.

Quando Simon Johnson saiu de casa, também descobriu Boda e os seus três acompanhantes. Não lhes conseguiu ver os rostos, pois estavam muito longe. «Tens cá a licença de circulação?», perguntou a Boda. Ele respondeu-lhe que não. «Vou correr um risco excepcional e sair sem a licença.» Johnson abanou a cabeça, preocupado, mas fez como se estivesse disposto a entregar o carro sem a licença de circulação. Lentamente, dirigiu-se à garagem.

Entretanto, a senhora Johnson, nervosa, tentava localizar telefonicamente Stewart. Finalmente, conseguiu contactar Warren Lughton, o encarregado dessa circunscrição, e pediu-lhe que comunicasse a Stewart o mais rapidamente possível que tinham ido buscar o *overland*.

«Stewart sabe do que se trata!», gritou pelo auricular, pois o polícia não entendera de todo o que se estava a passar.

Entretanto, Boda tinha mudado de ideias. Parecia-lhe suspeita a ausência da esposa de Johnson. Quando ela ia a regressar, o homem do chapéu estava a ligar a motocicleta. «Amanhã mando alguém!», gritou Boda. Em seguida, subiu para o banco de trás e saíram dali a toda a velocidade. Os outros dois homens retiraram-se em direção a Brockton. O casal Johnson ficou a vê-los partir até desaparecerem na escuridão. «Ter-se-ão dado conta de que fui telefonar?», perguntou ela ao marido. Ele encolheu os ombros e não respondeu.

A rua North Elm não tinha gente àquela hora. Por casualidade, os dois homens encontraram-se com uma mulher, que mais tarde afirmou que eles lhe tinham perguntado pela paragem do elétrico da linha Bridgewater-Brockton. Após ela lhes responder, agradeceram-lhe e partiram. Passava das nove horas e meia da noite quando os dois homens chegaram à paragem. Um par de minutos mais tarde, veio o elétrico. Subiram. O controlador perguntou-lhes se se dirigiam para Brockton e um deles, o que não tinha barba, respondeu afirmativamente. Sentaram-se ao fundo do veículo. Em seguida, este arrancou, matraqueando em direção à rua Copeland.

Entretanto, Stewart tinha já sido informado pelo seu colega Warren Laughton e dirigira-se à garagem de Johnson. Mas era demasiado tarde. Boda escapara novamente. Quando Stewart ouviu dizer que dois dos acompanhantes de Boda tinham partido a pé em direção a Brockton, fez uma chamada, da casa vizinha à de Johnson, para a polícia local. Deixando-se levar pelo seu instinto de investigador e certo de que os dois homens tinham ido para a paragem, ordenou ao polícia de serviço Michael Connolly que detivesse os dois homens que se encontravam no elétrico procedente de Bridgewater. Quando lhe questionaram qual era a razão para isso, respondeu que tinham tentado roubar um carro.

Connolly fez sinal ao seu companheiro de trabalho, Earl Vaughn, que se encontrava sentado do outro lado do gabinete: «Vamos, temos de prender dois tipos...» Os agentes da polícia começaram a subir a pé a rua principal.

Eram dez horas e quatro minutos da noite quando viram as luzes do elétrico que acabava de dobrar a esquina da avenida Keith em direção à rua principal.

Connolly fez sinal ao condutor, que reduziu a velocidade. O elétrico viajava tão lentamente, que os polícias conseguiram subir. Ao se encontrarem no interior do elétrico, dirigiram-se aos únicos homens que ali estavam. «De onde vêm?», perguntou-lhes Connolly.

«Bridgewater», respondeu o homem de bigode negro.

«O que foram fazer lá?»

«Visitar um amigo.»

«Como se chama o vosso amigo?»

«Poppi», respondeu o homem sem barba.

«Muito bem», disse Connolly. «Estiveram então em casa de Poppi... Andávamos à vossa procura. Estão presos!»

Os homens perguntaram pelas razões para a detenção.

«São suspeitos», respondeu Connolly.

Nesse instante, estava um carro da polícia à espera na paragem terminal, em Brockton, para os levar para a esquadra. Os seus nomes: Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti.